

## APRESENTAÇÃO

*João Carlos Soares ZUIN\**

Na obscuridade, as palavras pesam o dobro.  
(Elias Canetti, *O território do homem*).

A importância da literatura na vida e na obra dos precursores e fundadores da Sociologia foi intensa e profunda. A leitura das diversas fases e formas da literatura como a epopeia, a tragédia e o romance, possibilitava a construção de uma densa e complexa formação cultural, na qual, a narrativa literária fornecia os elementos subjetivos que revelavam o sentido das relações sempre complexas entre o ser humano, a natureza externa e a cultura. As obras literárias ampliavam imensamente o alcance da investigação científica na tarefa de compreender as especificidades das ações e das relações sociais, dos valores e das experiências, das vontades e dos interesses, dos conflitos e das lutas sociais nas diversas formações sociais e tempos históricos. Karl Marx foi um o leitor entusiasmado das obras de Balzac, nas quais colhia em profundidade as forças motoras da sociedade burguesa, as contradições imanentes dos processos sociais construídos pela burguesia, a proletarização do trabalho e seus efeitos na vida pessoal e coletiva. Max Weber utilizou passagens escritas por John Milton para expor as consequências do paraíso perdido e da queda na existência humana e no puritanismo, bem como, citava Goethe em seus trabalhos sociológicos para enfatizar as duras escolhas que o indivíduo deveria efetuar na construção do seu destino na sociedade capitalista moderna. Para ambos, a literatura era uma fundamental forma de conhecimento da realidade social e da história.

A importância da literatura no pensamento sociológico no século XX foi também impactante. As reflexões sociológicas de Georg Lukács, Karl Mannheim,

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – zuin@fclar.unesp.br.

Norbert Elias, Max Horkheimer, Theodor Wiesengrund Adorno, Leo Löwenthal não teriam a densidade cognitiva se não fossem concebidas através das descrições e narrativas efetuadas pelas obras literárias que procuravam compor o sentido da vida humana no curso da modernidade e dos processos de modernização. As dinâmicas sociais progressivas (aquelas que geraram o reconhecimento e a inclusão das classes subalternas, a expansão da liberdade e da igualdade, os valores e os princípios universais) e as regressivas (aquelas que negaram o reconhecimento da existência humana em determinadas identidades históricas e políticas, que justificaram a exclusão do outro, que efetuaram os processos de desumanização, que criaram as novas hierarquias de prestígio e poder, que geravam os dispositivos de discriminação e racismo), que formam o curso dialético da modernidade, produziram sempre novos problemas que Sociologia e a Literatura foram obrigadas a analisar e compreender.

No curso da modernidade, a aceleração do ritmo das transformações torna a realidade social mais opaca e ambivalente, produzindo modificações nos valores, nos princípios que organizam a vida material e imaterial e nas organizações e instituições sociais. A opacidade e a ambivalência golpeiam os indivíduos, os grupos sociais e a classes sociais, produzindo um acúmulo de incerteza, insegurança, medo e mal-estar. Sem a Sociologia e a Literatura, sem a força das palavras em descrever e narrar, conceitualizar e teorizar os fenômenos e as impressões socialmente produzidos, os indivíduos e os grupos sociais sentiriam ainda mais o peso do indeterminado e do desconhecido contido em um determinado enredo social de dominação e exploração e, no limite, de violência extrema que efetua a morte das formas de vida identificadas como perigosas e inimigas. A força da palavra contida na Literatura e na Sociologia pode contribuir para lançar luz à opacidade reinante, bem como, efetuar a distinção acerca das ambivalências contidas nas ações e nos processos sociais, nas forças motoras e na ordem social.

No século XX, a Sociologia e a Literatura acompanharam as diversas batalhas culturais e políticas pelo poder hegemônico de determinação do senso e do significado da ordem social e da história: os processos de individualização e diferenciação social, a nacionalização das massas, a criação de comunidades homogêneas e uniformes, a emancipação de sujeitos historicamente submetidos à desumanização e à discriminação, os movimentos e as lutas sociais por reconhecimento das mulheres, dos afrodescendentes, dos jovens, dos povos e nações colonizadas. No mesmo século, a Sociologia e a Literatura também foram obrigadas a narrar e conceitualizar as diversas formas de violência extrema materializada nos espaços concentracionários, nas guerras, nos campos de concentração e extermínio, nos genocídios. A modernidade em suas dinâmicas de progresso e violência extrema, emancipação e perda de emancipação, liberdade e supressão da liberdade formou um complexo conjunto de problemas e temas literários e sociológicos.

Na importante análise da literatura efetuada por Erich Auerbach em *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*, escrita no curso da Segunda Guerra Mundial, o autor termina seu esforço de análise e compreensão do senso da literatura partindo da epopeia, passando pela tragédia, até alcançar o romance em suas diversas fases e formas, com a análise da obra de Virgínia Woolf *To the Lighthouse*. Para o autor, o romance expressava uma cesura, uma passagem de época, na qual o personagem principal, bem como, todos os demais, não possuíam certezas e convicções acerca de si mesmos e da realidade. Envoltos por conjecturas, impressões, incertezas, angústias e mal-estar os personagens representam uma nova forma da condição humana e, conseqüentemente, de realidade social. Na era da aceleração do ritmo das mudanças, dos impactos sempre maiores oriundos das forças sociais e políticas que comandavam os processos de racionalização do mundo, de modernização do processo produtivo, de expansão do mercado dentro e fora da sociedade capitalista nacional, os personagens estavam situados dentro de experiências sempre mais opacas, ambivalentes, indeterminadas e complexas, que exigiam adaptações e sacrifícios pessoais mais intensos, difíceis e penosos.

Erich Auerbach foi preciso em compreender como os processos sociais que foram desencadeados desde negação da ideia de cosmo no século XVI efetuada pela revolução copernicana, ampliados com a força da ideia de razão e das descobertas científicas no iluminismo e nas revoluções burguesas, materializadas nos processos de industrialização e urbanização da sociedade capitalista, a vida humana experimentaria sucessivas crises, não apenas econômicas e políticas, mas valorativas, simbólicas, ideológicas. No novo espírito do tempo, a Literatura seria ainda mais necessária para expor, descrever e narrar à complexidade da realidade em movimentação acelerada, as sucessivas crises de adaptação dos indivíduos e dos cidadãos, na qual a lógica de construção do novo implicaria no envelhecimento precoce das mais diversas formas de materialidade e imaterialidades: dos objetos aos valores, das mercadorias às ideias, dos símbolos às autoridades. Sem poder caminhar com a chama que ilumina e aquece a vida humana na terra e a conduz com a certeza absoluta rumo ao paraíso e à perfeição contida em toda e qualquer ideia de autenticidade e verdade únicas e absolutas, a Literatura teria pela frente a duríssima tarefa de contribuir para dotar de sentido uma realidade esvaziada de senso imanente e eterno, bem como, efetuar a distinção do senso e significado das ações e dos interesses existentes nas diversas formas de vida, nas particulares forças sociais e políticas, que não apenas lutavam por reconhecimento de si, mas pelo poder hegemônico de determinar o novo senso da ordem social e, no limite, da história. Logo, mais do que nunca, a importância da força das palavras forjada pela Literatura deveria ajudar o ser humano a orientar-se no pensamento, e por meio da palavra refletida social e historicamente, orientar-se dentro da realidade social complexa e

ambivalente: aquela que pode ser mais sensata e racional ou aquela realidade social infernal e catastrófica, que reduz em complexidade as antigas imagens do inferno religioso e das catástrofes naturais.

No curso da modernidade e dos processos de modernização no século XX, as obras literárias ganharam novas formas de existência, entre elas, a literatura de testemunho. Expor, descrever ou narrar a violência extrema efetuada por uma força social e política foi uma tarefa autoimposta por diversos sobreviventes, em especial, por aqueles que experimentaram os espaços políticos concentracionários. O universo concentracionário do nazismo foi narrado e refletido pelo testemunho de Elie Wiesel e, sobretudo, de Primo Levi: a narrativa literária de testemunho possuía um duplo alvo: 1) que não esqueçamos o que o ser humano foi capaz de fazer no espaço concentracionário e, 2) que Auschwitz não se repetisse. Levi fez de sua vida uma reflexão contínua sobre o *Lager*, procurando informar as jovens gerações para que tivessem conhecimento da história e assumissem uma consciência ética e política que impedisse a existência dos novos campos de concentração e extermínio.

A ressignificação do passado e o revisionismo histórico (investigações que podem ser desenvolvidas em diversas direções científicas e por múltiplos interesses políticos) são temas presentes na Literatura da segunda metade do século XX e no início do século XXI. Rever, reavaliar, dotar de novo sentido explicativo as experiências realizadas no passado, possibilita não apenas uma ampliação do conhecimento, mas abre novas relações sociais e políticas com o presente, dotando-o de maior significação e, ao mesmo tempo, gerando novas formas de reconhecimento social entre os indivíduos, grupos e classes sociais. É o que procuraram realizar Dana Milena Chavarro e Wellington Pinheiro no artigo *A literatura colombiana contemporânea em análise*. A autora e o autor investigam no romance de Hector Abad Faciolince *El olvido que seremos* como o passado é compreendido e transformado em memória ou em esquecimento, uma dialética da qual pode se manifestar uma nova forma de identidade histórica e política ou um processo de recalque e esvaziamento das causas dos conflitos que produziram as crises políticas e as violências da guerra civil na Colômbia.

A ressignificação do passado também está presente no artigo de Ellen Margareth Dias Ribeiro Araújo intitulado *Dissonâncias e antagonismos: a representação literária de Lima Barreto no romance Clara dos anjos*, no qual a autora analisa a força do racismo, da discriminação e do machismo na sociedade brasileira. No artigo, a autora problematiza a presença dos conflitos sociais e políticos, das ambivalências e contradições da sociedade brasileira na Primeira República através da obra de Lima Barreto *Clara dos Anjos*. A obra de Lima Barreto expõe os diversos processos de discriminação e desumanização do africano transformado em escravo e negro, a continuidade do racismo após a abolição

(o último país que pôs fim a escravidão através de uma revogação que, desde o final do século XIX, não gerou ainda o efetivo e substancial reconhecimento moral, social e político que possa emancipar aqueles que trazem no corpo o fenótipo que os identifica com a animalização e a desumanização de outrora). Na figura de Clara dos Anjos, a autora expõe a presença de outra forma de desumanização: o corpo mestiço da mulher e da pessoa pobre, dois outros sinais de estigmas que tornam sua existência sempre sujeita à força da misoginia, da discriminação e da violência machista.

No curso da modernidade radicalizada e da sociedade de risco, a Literatura apresenta novos temas, outrora, imaginados. No campo da expansão do direito manifestou-se o chamado direito dos animais - uma nova derivação do direito ocorrida após a quarta geração do direito à informação e ao acesso às inovações tecnológicas -, a Literatura também apresenta novas formas de pensar a relação entre o ser humano e a natureza sem o aguilhão da ideia moderna de que o ser humano deveria se tornar o “senhor e o mestre da natureza”, conforme a máxima do grande filósofo francês René Descartes. A consciência dos riscos ambientais, a necessidade da compreensão das consequências dos dois séculos de amplo saqueio e rapina da natureza, de destruição do meio ambiente, também se manifesta no modo como o ser humano se relaciona com os animais. É o que Rui Pedro Fonseca investiga no artigo *Perpetuando a invisibilidade e a mitificação sobre os animais em uma coleção de livros infantis*, no qual analisa a coleção *Os Animais da Quinta*, voltada para o público infantil com a intenção de expor a relação entre os animais existentes em uma quinta portuguesa e seus donos. O autor expõe como a tentativa de humanizar tal processo produz mistificações, distorções, mitificações e, sobretudo, gera uma maior invisibilidade acerca das ações violentas e brutais que diariamente ocorrem na agropecuária e no processo de produção de mercadorias oriunda dos animais.

Os três artigos contribuem para uma compreensão mais aprofundada da história brasileira e colombiana – suas origens trágicas baseadas na escravidão e no elitismo, no racismo e na violência extrema, no não-reconhecimento, no autoritarismo – e a continuidade da relação violenta e rapinadora entre o ser humano, os animais e a natureza externa. É possível dizer que há um elemento comum nos três artigos: a violência, a brutalidade, a irracionalidade contida na ação de uma força social que deseja ser absoluta e inquestionável. Uma violência que pode assumir diversas formas de manifestação subjetiva, histórica e política. A continuidade espacial e temporal de tais manifestações de violência gera o problema sintetizado no aforismo escrito por Stanislaw Jerzy Lec em *Pensamentos intempestivos*: “Nem toda noite termina na aurora”.

A Sociologia e a Literatura são forças cognitivas que podem contribuir para lançar luz à força que a noite tem em impedir a visibilidade dos fatos e

acontecimentos históricos e, conseqüentemente, a maior percepção de suas origens e conseqüências na vida do indivíduo, dos grupos e classes, da sociedade e, no limite, da humanidade. Sem a Sociologia e a Literatura, a força da escuridão duplica o peso das impressões que nos governam, das palavras que enredam a gramática moral e política baseada no desprezo, no não-reconhecimento, no vexame, na intolerância, nas múltiplas formas de violência verbal e corporal.